

AYAHUASCA NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO¹

AYAHUASCA IN THE TREATMENT OF DEPRESSION

PEREIRA, Jordanna Fernandes²

FERREIRA, Larissa Rodrigues³

SANTOS, Cláudia Maria Barbosa⁴

RESUMO

Introdução: a ayahuasca foi e é utilizada por populações indígenas ao longo da história, o que pode representar uma vantagem quando se trata de segurança e estabelecimento do seu uso. Com o decorrer dos anos, a “ayahuasca”, que era uma bebida nativo indígena; passou a ser considerada uma bebida com finalidade religiosa. Dentre as preparações que utilizam plantas medicinais para o tratamento da depressão, a ayahuasca se destaca por ser uma bebida preparada a partir de uma decocção de duas plantas: o cipó *Banisteriopsis* e a folha de *Psychotria Viridis*. Segundo estudos, esta composição pode reduzir os sintomas da depressão.

Objetivo: analisar o potencial terapêutico da ayahuasca para o tratamento da depressão. **Metodologia:** estudo do tipo revisão integrativa da literatura, cujas bases de dados utilizadas para pesquisa foram: Google Acadêmico, Scielo, Fiocruz, PubMed, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); no período compreendido entre 2012 a 2023. **Resultados e discussão:** pode-se perceber que a depressão diminui significativamente após uma única dose de ayahuasca, bem como em doses repetidas, como é observado em estudos com primatas, camundongos e demais. Além da perfusão sanguínea em região cerebral envolvida na regulação do humor e outros fatores emocionais, os estudos apontam que a ayahuasca age como “agonista serotoninérgico”, pois atua no ritmo do sono, humor, entre outros. **Considerações finais:** o uso da bebida é promissor, e mais estudos são necessários para um melhor conhecimento e estabelecimento seguro da sua utilização.

Palavras-chave: plantas medicinais; tratamento alternativo; plantas psicoativas; fitoterapia.

ABSTRACT

Introduction: ayahuasca was and is used by indigenous populations throughout history, and may represent an advantage in terms of safety and establishment of its

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Inhumas FacMais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Farmácia, no primeiro semestre de 2023.

² Acadêmico(a) do 10º Período do curso de Farmácia pela Faculdade de Inhumas. E-mail: jordannapereira@aluno.facmais.edu.br

³ Acadêmico(a) do 10º Período do curso de Farmácia pela Faculdade de Inhumas. E-mail: larissaferreira@aluno.facmais.edu.br

⁴ Professora-Orientadora. Mestre em Ciências Farmacêuticas. Docente da Faculdade de Inhumas. E-mail: claudiamaria@facmais.edu.br

use. Over the two years, ayahuasca was re-signified from a native indigenous drink to a drink with religious purposes. Among the preparations that use medicinal plants for the treatment of depression, Ayahuasca stands out; A drink prepared from a decoction of two plants (or Banisteriopsis vine and Psychotria Viridis leaf), which according to studies, can reduce the symptoms of depression. **Objective:** to analyze the therapeutic potential of ayahuasca for the treatment of depression. **Methodology:** study of the integrative literature review type, whose databases used for the research were: Google Scholar, Scielo, Fiocruz, PubMed; LILACS (Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences); in the period from 2012 to 2023. **Results and discussion:** it was observed that depression significantly decreased after a single dose of ayahuasca and in repeated doses, in studies observed with humans, primates, hikers and others. In addition to blood perfusion in the brain region involved in mood regulation and two emotional studies, studies suggest that ayahuasca acts as a serotonergic agonist, which acts on sound rhythm, mood, among others. **Final considerations:** the use of the drink is promising and further studies are needed for knowledge and safe establishment of its use.

Keywords: medicinal plants; alternative treatment; psychoactive plants; Phytotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Planta medicinal é a espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos (ANVISA, 2014). Por ter fins terapêuticos, tem um valor significativo desde o início dos tempos, sendo empregada para o tratamento de diversas doenças. Um exemplo da aplicação de plantas medicinais é o uso para o tratamento da depressão. Além dessa abordagem terapêutica, antigas civilizações faziam o uso de plantas para a realização de rituais religiosos, unindo fé e cura (ARAUJO; VIEIRALVES-CASTRO, 2005).

O Brasil possui uma grande diversidade de plantas medicinais, sendo considerado como uma das maiores biodiversidades do mundo (SILVA *et al.*, 2015). No país, os herdeiros da cultura medicinal tiveram como base os africanos, que vieram no período da escravidão, durante no processo de colonização do Brasil, e trouxeram cultura, plantas e crenças (ALMEIDA, 2011).

As plantas medicinais apresentam um papel importante na cura e no tratamento de algumas doenças, em vista disso, investigações sobre plantas psicoativas foram levantadas. Por meio desses estudos, foi confirmado que além de povos indígenas, como os índios krahô, os descendentes africanos (uqquilombolas) possuíam também um vasto conhecimento sobre plantas medicinais, que era expressado em atividades de cura e ajuda espiritual, devido, ação o sistema nervoso central (SNC) (ELIANE RODRIGUES; CAROLINE, 2003).

Na terapêutica quilombola havia, por exemplo, a utilização do chamado "tira capeta", um cigarro produzido a partir de nove plantas como guiné, eucalipto, alecrim-do-norte, negramina, arruda e hortelã-da-várzea, entre outras, recomendado, segundo estudos realizados com quilombolas, no Estado de Mato Grosso, "para melhorar a memória e/ou cognição", "contra a sinusite", "para evitar resfriados" e "para aliviar problemas de sono". (ELIANE RODRIGUES; CAROLINE, 2003; NEGRI; RODRIGUES, 2010).

O termo "depressão", segundo Esteves Galvão (2006), tem sido empregado para designar um estado afetivo normal (a tristeza), que, enquanto sintoma, pode

surgir nos mais variados quadros clínicos, como o transtorno de estresse pós-traumático, demência, esquizofrenia, alcoolismo, doenças clínicas, etc. A depressão afeta a vida do paciente e de pessoas ao redor, e, não raro, desfavorece convívio, relacionamentos, carreira profissional, o que, muitas vezes, é um dos fatores que desencadeia o suicídio (ABELHA, 2014).

Diante disso, pela proporcionalidade e gravidade, a depressão tem sido a doença do século, sendo importante seu estudo, inclusive sobre as formas de terapias. Dessa forma, sendo o Brasil portador de grande diversidade de matéria-prima vegetal, é também fonte incalculável de plantas medicinais (ABELHA, 2014), que podem ser utilizadas como forma alternativa de tratamento para a depressão (SOUZA SILVA, 2021).

Dentre as preparações que utilizam plantas medicinais para o tratamento da depressão está o objetivo deste estudo: a ayahuasca, bebida preparada por meio da mistura do cipó *Banisteriopsis* e da folha de *Psychotria Viridis*. Durante a decocção da folha de *Psychotria Viridis* é extraído o DMT (N-dimetiltriptamina, uma molécula muito parecida com a serotonina, que atua como "agonista serotoninérgico".

Para tratamento da depressão são utilizados medicamentos específicos e tratamento psicológico, porém os efeitos adversos são possíveis de acontecer (GAHR *et al.* 2016). A ayahuasca foi e é utilizada por populações indígenas ao longo da história, isso pode representar uma vantagem quando se trata de segurança e estabelecimento do seu uso (NUNES, 2018).

O Brasil possui um alto índice de pessoas com depressão, porém a terapia mais predominante é a convencional, ou seja, há um desconhecimento a respeito do uso de plantas medicinais (CRUZ; GONÇALVES, 2022). É inegável a importância que as plantas medicinais exercem no tratamento de várias doenças, devido, principalmente, a seus princípios ativos, que empregados de forma correta podem prevenir e curar doenças (NUNES, 2018).

Estudo sobre tais terapias devem ser disponibilizados para a sociedade e para toda comunidade científica, com o intuito de viabilizar e possibilitar o entendimento e o incentivo a mais estudos sobre a temática, bem como otimizar o uso de terapias alternativas, como o emprego de plantas medicinais no tratamento da patologia em questão. Para tanto, o objetivo desta pesquisa é analisar o potencial terapêutico da ayahuasca, mistura de duas plantas consideradas medicinais, para o tratamento da depressão.

2 AYAHUASCA

A origem da ayahuasca é de difícil definição, já que seu surgimento é notado desde a pré-história, quando era utilizada como uma medicina religiosa por grupos indígenas (SILVA *et al.*, 2021). A sua utilização na medicina religiosa é descrita para tratar abuso sexual, violência doméstica e desacordo e desordem social ou familiar, bem como padrões de dependência, e até aspectos negativos da personalidade (FOTIOUA; GEARIND, 2019).

No decorrer dos anos, a ayahuasca passou a ser ressignificada de uma bebida nativo indígena para uma bebida com finalidade religiosa (OLIVEIRA, 2011). As crenças religiosas remetiam a bebida a um instrumento de reencontro com antepassados (LABATE; ARAÚJO, 2008). E era traduzida como "vinho dos espíritos", nome dado pela população indígena *Quéchua* (império inca), situada no Peru (SOUZA, 2011).

A ayahuasca é composta pela decocção do cipó *Banisteriopsis*, que inibe a

IMOA, uma enzima hepática e intestinal. Enzima esta que degrada a DMT, extraída da folha *Psychotria Viridis* (ASSIS; RODRIGUES, 2017). Assim, a junção destas duas plantas permitem a ativação do farmacoquímico por via oral (ARAÚJO; TATMATSU, 2020).

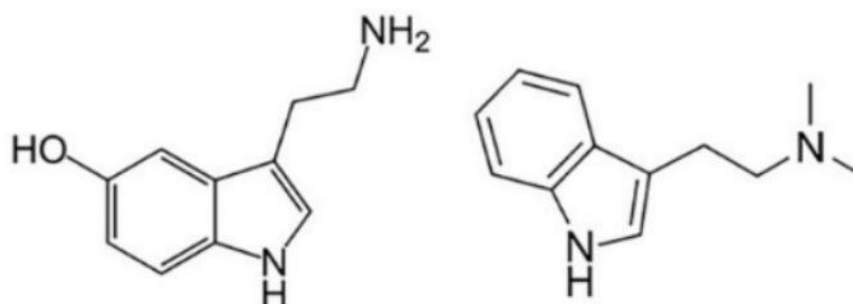
A farmacodinâmica da ayahuasca apresenta efeitos adversos como: náusea, vômitos, tontura, taquicardia, etc (OSÓRIO, 2015). Segundo Assis Rodrigue, (2017) as náuseas e vômitos podem ser interpretadas como "cura e limpeza espiritual", pois incluem, também, sensação de euforia e bem-estar.

2.1 Ayahuasca: principais efeitos no sistema nervoso central

Segundo Borges *et al.* (2013) a depressão pode ser compreendida pela diminuição de neurotransmissores liberados, que são responsáveis pela serotonina. Conhecida como o hormônio da felicidade, grande parte dos atidepressivos atuam no aumento da disponibilidade dos neurotransmissores, assim, aumentando a quantidade de serotonina (VISMAR; ALVES; PALERMO-NETO, 2008).

Silva *et al.* (2021) cita a semelhança entre a DMT e a serotonina (Figura 1).

Figura 1. Semelhança entre a DMT e a serotonina.



Fonte: SILVA, (2021).

A ayahuasca é composta pela decocção do cipó *Banisteriopsis* (figura 2 a seguir), que inibe a IMOA, enzima que degrada a DMT, extraída da folha *Psychotria Viridis* (figura 3) (ASSIS; RODRIGUES, 2017). É a junção destas duas plantas que permite a ativação do farmacoquímico por via oral (ARAÚJO; TATMATSU, 2020).

Figura 2. Cipó de *Banisteriopsis*



Fonte: <https://universomistico.org.br/o-cipo-da-alma-da-amazonia/>

Figura 3. Folhas de *Psychotria Viridis*



Fonte: https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/2006_serpico_camurca.pdf

A DMT possui grandes propriedades psicoativas, o que acarreta potente ação alucinógena em grande concentração. Podendo ser encontrada em plantas, animais marinhos e anfíbios, bem como atuar como neurotransmissor, desempenhando importante papel no sistema nervoso central (SNC) (SILVA, *et al.*, 2021). De acordo com SANTOS (2007), seus efeitos psicoativos se estendem a mudanças emocionais e cognitivas, visto que podem elevar os níveis de serotonina, noradrenalina e dopamina no cérebro.

Em estudo, RIBA *et al.* (2003) mostra a semelhança entre DMT e serotonina, por meio de receptores serotoninérgicos. É importante ressaltar que não apresentam dependência fisiológica, não são tóxicas para órgãos do corpo, e não apresentam alterações comportamentais associadas à dependência (SANTOS *et al.*, 2007).

Inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRSs), como a sertralina, escitalopram, fluoxetina, citalopram, são fármacos considerados de "primeira linha", que apesar de muito eficazes, oferecem diversos efeitos colaterais, principal fator motivador para o abandono de tratamento (SILVA *et al.*, 2021).

É necessário mencionar os efeitos adversos da ayahuasca, que, assim como muita opção terapêutica, apresenta pontos desfavoráveis. Hamill *et al.* (2019) explica que o aumento da serotonina estimula o nervo vago central, resultando o vômito; também provoca estimulação intestinal, causando a diarreia. Costa, Figueiredo e Cazenaves (2005), cita como efeitos adversos, além dos expostos acima, o suor excessivo, desidratação, taquicardia, tremores, aumento da pressão sanguínea, dor no peito, entre outros. Abaixo na figura 4, pode-se notar os principais efeitos adversos provocados pelo uso da ayahuasca em comparação com os ISRSs, segundo Silva (2021).

Figura 4. Efeitos adversos relacionados ao uso de ayahuasca e outros ISRSs.



*Efeito observado a curto prazo.

Fonte: SILVA, (2021).

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de revisão integrativa da literatura, cujas bases de dados utilizadas para pesquisa foram: Google Acadêmico, Scielo, Fiocruz, PubMed; LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Os descritores utilizados para a pesquisa foram: "fitoterapia", "plantas medicinais", "ayahuasca", "efeitos adversos", e "depressão".

Os critérios de inclusão foram para artigos que tratavam de plantas psicoativas, utilização de plantas medicinais, tratamento da depressão, sinais e sintomas da depressão, tratamento da depressão, e cultura indígena e afrodescendente na medicina; sem restrição de idiomas, no período compreendido entre 2012 a 2023. Os dados coletados foram selecionados de acordo com sua relevância para este estudo.

Os critérios de exclusão foram para trabalhos que não possuíam relação direta com o tema, artigos de revisão, monografias, cartas ao leitor, réplicas e duplicatas que não abordavam os objetivos propostos para o estudo

Dessa forma, para a seleção dos estudos, serão seguidas as seguintes etapas: leitura dos títulos dos artigos encontrados; leitura dos resumos da pré-seleção, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; leitura, na íntegra, dos artigos da amostra parcial; exploração dos artigos; codificação dos conteúdos relevantes por meio da compilação dos dados extraídos, e apresentação dos resultados a partir de categorias identificadas no material pesquisado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização da ayahuasca no tratamento da depressão, conforme os estudos abordados, tem apresentado efeito antidepressivo rápido e eficaz, em alguns casos, logo após o emprego de uma única dose do psicodélico em pacientes que apresentam resistência ao tratamento convencional.

No estudo de Palhano-Fontes *et al.* (2019), foi realizado um experimento utilizando placebo (líquido que continha substâncias para simular o sabor e cor acastanhada da ayahuasca) em humanos entre 18 e 60 anos, resistentes ao tratamento, que apresentavam episódios depressivos, de moderado a baixo, e sintomas depressivos persistente (entre 9 a 11 anos de duração). Em 14 pacientes foram administrados ayahuasca e, nos 15 restantes, placebo. Todas em dose única de 1ml/kg de placebo ou ayahuasca, contendo 0,36mg/kg de N-NDMT. Dose esta que utilizou um único lote preparado e fornecido por uma filial da igreja Branquinha. A ayahuasca utilizada também continha entre 1,86 e 0,11mg/ml de harmina, 0,24 e 0,03mg/ml de harmalina e 1,20 e 0,05mg/ml de tetrahydroharmina. O estudo citado encontrou evidência de efeito rápido em uma dose de ayahuasca comparado com o placebo.

O estudo de Silva *et al.* (2019) com primatas não humanos também confirma tais achados. Este estudo, promovido também com a ajuda de uma filial do templo da Branquinha que forneceu o lote de ayahuasca, que por meio de espectroscopia de massa, resultou valores de 0,3660,01 mg/ml de DMT, 1,8660,11 de harmina, 0,2460,03 mg/ml de harmalina e 0,2060,05 mg/ml de tetrahydroharmina. Os saguis juvenis (7 a 9 meses de idade), desenvolveram depressão induzida por meio do isolamento social; os animais foram tratados com uma única dose (1,67ml/300g do peso corporal) de ayahuasca. Com o seguinte experimento, notou-se a redução do comportamento de coçar e dos sinais de depressão, bem como, aumento da taxa de

alimentação e ganho de peso. Ainda, segundo Silva *et al.* (2019), os antidepressivos encontrados no mercado, na maioria dos casos, demoram cerca de duas semanas para apresentar fins terapêuticos.

Dessa forma, percebe-se que as pesquisas com a utilização da ayahuasca (e placebo), em pacientes depressivos, expõe que nas primeiras horas após ingestão do psicoativo há melhoras significativas sintomas (REBOUÇA, 2018).

Além disso, estudos utilizando ayahuasca por administração repetida foram realizados. No estudo de Pinto (2012), a amostra da ayahuasca foi cedida pelo Centro Espírita Beneficente União do Vegetal; apresentando 0,15 mg/ml de harmalina, 3,11 mg/ml de harmina, 1,78 de tetrahydroharmina e 0,31 de DMT. Camundongos foram utilizados durante 21 dias, tratados com ayahuasca nas doses de 26,4 ml/kg e 13,2 ml/kg por gavagem. As diferentes doses reverteram, segundo o estudo, de forma aguda, o fenótipo responsável pelo desencadeamento da depressão.

Ainda, Bueno (2020) também realizou um estudo, com o principal objetivo de avaliar os efeitos comportamentais e neurológicos da administração repetida de ayahuasca; utilizando uma amostra disponibilizada pela Instituição Religiosa Branquinha, que possuía, em sua composição, 267 mg/L de DMT, 685 mg/L de tetrahydroharmina, 947 mg/L de harmina e 51,3 mg//L de harmalina. Neste estudo, por sua vez, foram utilizando ratos *Wistar* machos, com 12 meses de idade, alojados em grupos de 4 ou 2 ratos, estes receberam doses diárias de ayahuasca (120, 240, 480 e 3,60 mg/kg) durante 30 dias. De acordo com os resultados alcançados, notou-se a atuação da ayahuasca em regiões do cérebro relacionadas com a aprendizagem e processamento emocional por meio da via serotoninérgica (BUENO, 2020).

Farias *et al.* (2022) realizou outro estudo utilizando ayahuasca doada pela Igreja do Santo Daime, de onde foi extraído a DMT e as betas-carbolinas; cujo uma amostra de 500mg possuía 0,28mg/kg de DMT, 0,70mg/kg de tetrahydroharmina e 0,13mg/kg de harmina. Tal estudo utilizou uma amostra de 40 ratos *Wistar* machos, alimentados com 3 doses diárias de ayahuasca durante um tempo observado de 40 minutos, após administração por gavagem com doses de 125, 250 e 500 mg. Os grupos tratados com doses elevadas de ayahuasca (500mg) registraram uma diminuição nas alterações comportamentais, diminuição locomotora e comportamentais (FARIAS *et al.*, 2022).

Outros parâmetros foram analisados como marcadores em pacientes com depressão, como é o caso do cortisol. Sendo assim, avaliações de cortisol têm servido como importante locomotor em resposta ao tratamento. Knorr *et al.* (2010) observou níveis de cortisol salivar alterados em pacientes com transtornos depressivos quando comparados com pacientes saudáveis. Zaykowski *et al.* (2022) mostrou que o cortisol matinal foi associado à perturbação do humor na população adolescente.

Em estudo realizado com 71 voluntários, em que 43 pacientes não apresentavam distúrbios mentais e os outros 28 apresentavam sintomas depressivos e resistência ao tratamento convencional, foi utilizado uma substância placebo, que não possui psicoativos, mas que induzia um leve desconforto gastrointestinal e simulava a cor e sabor da ayahuasca. Já a ayahuasca apresenta entre 0,36 e 0,01 mg/ml de DMT, 1,86 e 0,11 mg/ml de harmina, 0,24 e 0,03 mg/ml de harmalina e 1,20 e 0,05 mg/ml de tetrahydroharmina. Após 1 hora e 40 minutos da administração da ayahuasca, os níveis de cortisol em pacientes depressivos foram semelhantes aos dos pacientes saudáveis (GALVÃO, 2018).

Vale destacar também outro estudo realizado em primatas durante 13 semanas, cujo 18 machos juvenis foram divididos aleatoriamente em três grupos. No primeiro grupo (GA) os animais permaneceram com suas famílias por 4 semanas, após este período, foram isolados por 9 semanas para induzir sintomas depressivos; 3 dias antes do isolamento foi administrada uma dose profilática de ayahuasca, 50% de casca de *B. Caapi* e 50% de folha de *P. Viridis*, ambas fervidas em água. As próximas gavagens foram realizadas 25 e 50 dias após a primeira. As doses administradas foram de 1,67 ml/300g de peso corporal. Por meio deste estudo, Grilo *et al.* (2022) destacou a resposta ao estresse mais adaptativa dos animais que sofreram gavagem em comparação aos isolados sem intervenção. Além disso, níveis de cortisol fecal semelhantes aos que vivem em família.

Com tudo, por meio da administração de uma amostra de ayahuasca obtida pela Organização Religiosa Brasileira Santo Daime, contendo 0,8mg/ml de DMT e 0,21mg/ml de harmina, pode-se perceber que a depressão, em paciente testados, diminui significativamente após uma única dose do psicoativo, bem como aumenta a perfusão sanguínea em região cerebral envolvida na regulação do humor e dos estudos emocionais (SANCHES *et al.*, 2015), mostrando-se como uma importante terapêutica em pacientes depressivos.

Segundo estudos levantados, a ayahuasca atua como agonista serotoninérgico, modulando o ritmo do sono, humor, entre outros (ARAÚJO; TATMATSU, 2020), e, além disso, possibilita uma terapia auxiliar para o tratamento da depressão, sendo ainda necessário mais estudos que corroborem com essa perspectiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tratamento convencional da depressão são utilizados medicamentos específicos e tratamento psicológico, porém os efeitos adversos têm mais chances de acontecer (PAVANELLI; POVH, 2021). A ayahuasca foi e é utilizada por populações indígenas ao longo da história e, como exposto, apresenta estudos com resultados positivos no que diz respeito ao tratamento da depressão.

O Brasil detém uma faixa preocupante de casos de pessoas atingidas pela depressão, e a utilização de plantas medicinais pode auxiliar, dinamizar e contribuir para novas formas de terapias da patologia. Dessa forma, o estudo de tratamentos alternativos para a depressão é fundamental. É inegável a importância que as plantas medicinais exercem no tratamento de várias doenças, devido, principalmente, aos seus princípios ativos, que empregados de forma correta podem prevenir e curar doenças (NUNES, 2018).

Estudos de terapias com plantas medicinais como a ayahuasca, devem ser disponibilizados para a sociedade e toda comunidade científica, a fim de viabilizar o conhecimento e possibilitar o entendimento e o incentivo a mais estudos sobre a temática, bem como para otimizar o uso de terapias alternativas como o emprego de plantas medicinais no tratamento da referida patologia.

REFERÊNCIAS

ABELHA, L. Depressão, uma questão de saúde pública. **Cad. saúde colet.**, [S./], v. 22, n. 3, Jul-Set 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/BLrBJNVsYBZrMk9d3wYXcCw%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/BLrBJNVsYBZrMk9d3wYXcCw%20(2).pdf). Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ALMEIRA, M. Z. Plantas Mediciniais. **EDUFBA**, Salvador, 3ª ed., 221 p., 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ALVES, M. P. R. G. Os efeitos terapêuticos da Ayahuasca em indivíduos com sintomas de depressão. **Veritati**, Porto, UCP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27160> Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ANDRADE FILHO, A. de S.; DUNNINGHAM, W. A., A pandemia da depressão. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, [S./], v. 23, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/579> Acesso em: 08 de outubro de 2022.

ARAUJO, M. C.; VIEIRALVES-CASTRO, R. O uso ritual das plantas de poder. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/wtTLjJgrNngjRcgB6WtXyPz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

ARAÚJO, S. A. DE; TATMATS, D. L. B. Pesquisas com ayahuasca na psicologia: revisão de literatura sobre o potencial terapêutico. **Revista de Psicologia**, Ceará, v.11, n.2, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/42491>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ARGENTA, S. C.; ARGENTA, L. C.; GIACOMELLI, S. R.; CEZAROTTO, V. S. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, Rio Grande do Sul, v.7, n.12, 2011. Disponível em: http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_05.pdf. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ASSIS, G. L.; RODRIGUES, J. A. De quem é a Ayahuasca? Nota sobre a patrimonialização de uma “Bebida sagrada” Amazônica. **Religião e Sociedade**. Minas Gerais, v.37, n.3, Dez 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/xPmKmyhQzDKn3KSXPrwG9yq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26 de novembro de 2022.

BOING, A. F.; MELO, G. R.; BOING, A. C.; MORETTI-PIRES, R.O.; PERES, K. G.; PERES, M. A. Associação entre depressão de doenças crônica: estudo populacional. **Rev Saúde Pública**, Santa Catarina, v.46, n. 4, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/D4765SDnTYdKPCjxkPmtYhD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de Outubro de 2022.

BORGES, J.; BENEDICT, T. R. B. A. J.; ORSI, E. Associados aos sintomas depressivos em idosos: estudo epifloripa. **Revista Saúde Pública**, Santa Catarina, v.47, n.4, 2013. Acesso em: 27 de novembro de 2022; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/CQwmJQ9dkkpWjqfcq4NVRLB/?format=pdf&lang=pt>

BRUNING, M. C. R.; MOSEGUI, G. B. G.; VIANNA, C. M. de M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v.17, n.10, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/z6RsN7j4bRKfM8Lq8tQNX4N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

BUENO, D. H. D. Effects of repeated ayahuasca administration on behaviour and c-Fos expression in rats exposed to the open field. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/58768>. Acesso em 23 de abril de 2023

ESTEVES, F. C.; GALVAN, A. L. Depressão numa contextualização contemporânea. **Aletheia**, [S.l.], n.24, p.127-135, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a12.pdf>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

FARIAS, C. P.; VICTORIA, P. P.; XAVIER, J.; SEKINE, F. G.; RIBEIRO, E. S.; COGNATO, G. de P.; CARVALHO, H. W. Behavioral characterization of ayahuasca treatment on Wistar rats in the open field test. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, Rio Grande do Sul, n.58, 2022. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/s2175-97902022e21110>. Acesso em: 22 de Maio de 2023.

GAHR, M., ZEISS, R., LANG, D., CONNEMANN, B. J., HIEMKE, C., & SCHÖNFELDT-LECUONA, C. Drug-Induced Liver Injury Associated With Antidepressive Psychopharmacotherapy: An Explorative Assessment Based on Quantitative Signal Detection Using Different MedDRA Terms. **Journal of clinical pharmacology**, [S.l.], v.56, n.6, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcph.662> Acesso em:22 de Maio de 2023.

GALVÃO, A. C.de.M.; ALMEIDA, R. N.; SILVA, E. A. dos S.; FREIRE, F. A. M.; PALHANO-FONTES, F.; ONIAS, H.; ARCOVERDE, E.; MAIA- DE-OLIVEIRA, J.P.; ARAUJO, D. B.; LOBÃO-SOARES, B.; GALVÃO-COELHO, N. L. Cortisol Modulation by Ayahuasca in Patients With Treatment Resistant Depression and Healthy. **Frontiers in psychiatry**, [S.l.], v.9, n.185, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29867608/>. Acesso em: 24 de Maio de 2023.

GRIOLO, M. L. P. de M.; SOUSA, G. M.; MENDONÇA, L. A. C.; LOBÃO-SOARES, B. SOUSA, M. B. C.; PALHANO-FONTES, F.; ARAÚJO, D. B.; PERKINS, D.; HALLAK, J. E. C. COELHO-GALÃO, N. L. Prophylactic action of ayahuasca in a non-human primate model of depressive-like behavior. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, Itália, v.16, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnbeh.2022.901425/full>.

Acesso em 29 de Maio de 2023.

HAMILL, J.; HALLAK, J.; DURSUN, S.M.; BAKER, G. Recebido Ayahuasca: Psychological and Physiologic Effects, Pharmacology and Potential Uses in Addiction and Mental Illness. 2019. **Current Neuropharmacology**, São Paulo, v.17, n.2, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6343205/>. Acesso em 29 de Maio de 2023

KNORR, U.; VINBERG, M.; KESSING, L. V.; WETTERLEV, J. Cortisol salivar em pacientes deprimidos versus pessoas de controle: uma revisão sistemática e meta-análise. **Revista Dor**, São Paulo, v.15, n.3, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20447770/>. Acesso em 25 de Maio de 2023.

LABATE, B. C.; ARAÚJO, W; S. Ayahuasca: expansão de uso rituais e de formas de apreensão científica. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.52, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/kgRPXvCZZcjq3JwGV84vj9J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

LOWEN, A. O corpo em depressão. **Summus editorial**, 4ª ed. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.gruposummus.com.br/wp-content/uploads/2021/11/12056.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

MATOS, G.; CAMARGO, A.; SOUSA, C. A.; ZENI, A. L. B. Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Santa Catarina, v.23, n.11, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2018.v23n11/3735-3744/pt>. Acesso em: 27 de novembro de 2022.

NEGRI, G.; RODRIGUES, E.. Essential oils found in the smoke of "tira-capeta", a cigarette used by some quilombolas living in pantanal wetlands of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.20, n.3, p. 310–316, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2010000300004>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

NUNES, A. Utilização da planta medicinal Erva-de-São-João (*Hypericum perforatum* L.) no tratamento da depressão. **Revista Eletrônica Visão Acadêmica**, Curitiba, v.19, n.3, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/59637>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, I.; Um desafio ao Respeito e a tolerância: reflexões sobre o campo religioso Daimista na atualidade. 2011. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.31, n.2, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gp4TzbqSdLPBMcnCqRRFczm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, P. A. P. S. Uma revisão dos aspectos farmacológicos e toxicológicos. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, São Paulo, v.31, n.1, 2010.

Disponível em: <http://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/406/404>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.

OSORIO, F de L.; SANCHES, R. F.; MACEDO, L. R.; SANTOS, R. G.; MAIA- DE-OLIVEIRA, J. P.; WICHERT-ANA, L.; ARAUJO, D. B.; RIBA, J.; CRIPPA, J. A.; HALLAK, J. E. Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a preliminary report. 2016. **Journal of Clinical Psychopharmacology**, São Paulo, v.36, n.1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/ghG6Q7cLTgSRF6JxJjj6LMS/?lang=en#> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

PAIVA, F. A. Ayahuasca. Portal da UFRN. 2018. Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/18258/ayahuasca>. Acesso dia 24 de Maio de 2023

PALHANO-FONTES, F.; BARRETO, D.; ONIAS, H.; ANDRADE, K. C.; NOVAES, M.M.; PESSOA, J. A.; MOTA-ROLIM, S. A.; OSORIO, F. L.; SANCHES, R.; DOS SANTOS, R. G.; TOFOLI, L. F.; SILVEIRA, G. de O.; YONAMINE, M.; RIBA, J.; SANTOS, F. R.; SILVA-JUNIOR, A. A.; ALCHIERI, J. C.; GALVÃO-COELHO, N. L.; LOBÃO-SOARES, B.; HALLAK, J. E. C.; ACORVERD, E.; MAIA-de-OLIVEIRA, J. P.; ARAUJO, D. B. Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial. **Psychological Medicine**, Cambridge, v.49, n.4, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0033291718001356> Acesso em 22 de Maio de 2023.

PINHEIRO, T. Depressão na contemporaneidade. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, n.182, p.101-109, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/depressao_na_contemporaneidade%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/depressao_na_contemporaneidade%20(1).pdf). Acesso em: 01 de outubro de 2022.

PINTO, F. C. C. Evidence of Ayahuasca's fast antidepressive effect in an animal model of greater depression. Ceará, 2021. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/56858>. Acesso em: 23 de Maio de 2023.

RIBEIRO, L. H. L. Análise dos programas de plantas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.24, n.5, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/t4mKYxxdLM8nNvhtWLkbBVz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 de outubro de 2022.

RODRIGUES, E.; CARLINE, E. A. Possíveis efeitos sobre o sistema nervoso central de plantas utilizadas por duas culturas brasileiras (quilombolas e índios). **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, São Paulo, v.1, n.3, 2003. Disponível em: <https://ds.saudeindigena.iciict.fiocruz.br/bitstream/bvs/4441/2/582347013.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ROZENTHAL, M; LAKS, J; ENGELHARDT, E. Aspectos neuropsicológicos da depressão. **Revista de Psiquiatria**, Rio Grande do Sul, v.26, n.2, 2004. Disponível

em: file:///C:/Users/User/Downloads/CLYL7Tmqw7vjWbCRJndzMSJ%20(3).pdf.
Acesso em: 02 de outubro de 2022.

SANCHES, R. F.; OSORIO, F de L.; DOS SANTOS, R. G.; MACEDO, L. R. H.; MAIA-DE-OLIVEIRA, J. P.; WICHERT-ANA, L.; HALLAK, J. E. C. Antidepressant Effects of a Single Dose of Ayahuasca in Patients With Recurrent Depression. *Journal of Clinical Psychopharmacology*. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.37, n.1, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25806551/>
Acesso em: 23 de Maio de 2023.

SANCHES, R. F.; OSORIO, F de L.; DOS SANTOS, R. G.; MACEDO, L. R. H.; MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Paraíba, v.7, n.2, 2007. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/500/50007205.pdf>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

SANTOS, B. E. R. dos; PANHOCA, I.; ORTIZ, B. B. A Perspectiva da sociedade a respeito da depressão. **Revista Científica UMC**, São Paulo v. 5, n. 2, 2017. Disponível em: <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/725> Acesso em: 08 de outubro de 2022.

SANTOS, R. G dos; Ayahuasca: Neuroquímica e farmacologia. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v.3, n.1, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000100007 Acesso em: 02 de abril de 2023.

SILVA, B. S.; LIMA, P. G. O uso da Ayahuasca como terapia alternativa na depressão: efeitos farmacológicos e adversos. 2021. **Brazilian Journal of Natural Sciences**, [S.l.], v.4, n.2, 2021. Disponível em: <https://www.bjns.com.br/index.php/BJNS/article/view/143/120>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

SILVA, F.S.; SILVA, E. A. S.; DE SOUZA JR, G. M.; MAIA-DE-OLIVEIRA, J. P.; SOARES-RACHETTI, V. de P.; DE ARAUJO, D. B.; SOUSA, M. B.; LOBÃO-SOARES, B.; HALLAK, J.; GALVÃO-COELHO, N. L. Acute effects of ayahuasca in a juvenile non-human primate model of depression. **Brazilian Journal of Psychiatry**. Rio Grande do Norte, v.41, n.4, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30427388/>. Acesso em 25 de Maio de 2023

SOARES, B. G.; CAPONI, S. Depressão em pauta: em estudo sobre o discurso no discurso da mídia no processo de medicalização da vida. **Comunicação Saúde Educação**, [S.l.], v.15, n.37, p.437-46, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/s6B8wjrMdV3qsL3jdQRxjn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 07 de outubro de 2022.

SOENTGEN, J.; HILBERT, K. A Química dos povos indígenas da América do Sul. 2016. **Química Nova**, [S.l.], v.39, n.9, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/rYR3xpPFSBFnLJZ4KkSTZ9w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

SOUZA, J. A. de M.; SILVA, C. de P. Chás fitoterápicos indicados para distúrbios do sono, ansiedade e depressão, disponibilizados em estabelecimentos comerciais de São Caetano do Sul-SP. *Cinic-Semesp*. 2018. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2018/1000000560.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2022

SOUZA, F. G. M; Tratamento da depressão. 1999. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S./], v.21, n.1, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/t79BpmNTfSCMGW8KPsKwXMj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 de novembro de 2022.

SOUZA SILVA, B.; PEREIRA LIMA, G.; SANTOS, R.A.S.I; CUNHA DA SILVA, J.; MORENO GARCIA, D.; ANTUNES, A.A. O Uso da Ayahuasca como terapia alternativa na depressão: efeitos farmacológicos e adversos. **Braz. J. Nat. Sci**, [S./], v.4, n.2, 2021. Disponível em: <https://bjns.com.br/index.php/BJNS/article/view/143>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

VISMARI, L; ALVES, G. J.; NETO, J. P. Depressão, antidepressivos e sistema imune: um novo olhar sobre um velho problema. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v.35, n.5, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/yj3WRdM8RzhQQj5zXdMTvrk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de novembro de 2022

WHO. World Health rganization. **Depression and other common mental disorders**. WHO document production services, Geneva, Suíça. 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/W?sequence=1>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

ZAJKOWSKA, Z.; GULLETT, N.; WALSH, A.; ZONCA, V.; PEDERSEN, G. A.; SOUZA, L.; KIELING, C.; FISHER, H.L.; KOHRT, B. A.; MONDEL, V. Cortisol and development of depression in adolescence and young adulthood - a systematic review and meta-analysis. **Psychoneuroendocrinology**, [S./], v. 136, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34920399/>. Acesso em 25 de Maio de 2023.